

O SUJEITO AUTÔNOMO REVERBERANDO NO HOMEM DO PRESENTE

The autonomous subject reverberating in the man of the present

Isabella Vivianny Santana Heinen¹

Resumo: Considera-se a interpretação de Nietzsche em relação a crítica ao sujeito autônomo, em que se pretende expor o homem como centro e referência mediatizada pela razão, articulada pelo princípio de identidade estabelecido por parâmetros metafísicos. Objetiva-se delinear que, as edificações da modernidade são movidas por um excesso de autonomia e criatividade, pretendidas inclusive por Nietzsche, no entanto, destaca-se que a criatividade sugerida por ele não é embasada no uso irrestrito da razão como forma de valoração, que em certa medida é expressa na configuração do homem do presente. Nessa perspectiva, adverte-se que a postura universalizante é uma forma de dominação, que mostra para si a possibilidade de forjar um indivíduo emancipado.

Palavras-chave: Sujeito Autônomo; Homem do Presente; Nietzsche.

Abstract: It's considered the interpretation of Nietzsche in relation to criticism of the autonomous subject, in which it intends to expose the man as the center and mediated reference for reason, articulated by the principle of identity established by metaphysical parameters. It's aimed to outline that the constructions of modernity are driven by an excess of autonomy and creativity, required even by Nietzsche, however, highlight that creativity suggested by him is not grounded in the unrestricted use of reason as a way of valuing, which somehow is expressed in the configuration of the man of the present. From this perspective, it has to be advised that the universalizing attitude is a way of domination, which shows itself the possibility of forging an emancipated individual.

Keywords: Autonomous Subject; Man of the Present; Nietzsche.

Com a modernidade, segundo Mosé (2012), emerge-se uma inovadora capacidade de intervenção do sujeito, e de seu querer, baseado em si mesmo, não mais em preceitos divinos ou metafísicos, o sujeito é guiado por sua racionalidade, sendo este mesmo sujeito autônomo para julgar e avaliar. A característica da modernidade, nesse viés, é justamente a autonomia do sujeito, a consciência de si mesmo, supervisionada por uma racionalidade que lhe foi conferida desde o socratismo. Nesse sentido, destaca-se:

O que surge na modernidade é uma nova instância de avaliação: o julgamento divino foi substituído pelo julgamento humano, em função do nascimento de uma razão consciente de si. O que marca a modernidade é o nascimento de uma subjetividade autônoma e

¹ Mestranda do Programa de Pós- Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Pará. Bolsa CAPES. E-mail: isabellasantanaheinen@gmail.com

consciente de si, que se sustenta em uma racionalidade igualmente autônoma, capaz de julgar, discernir, dirigir².

A razão com toda sua empáfia e embasamento científico, conforme o pensamento nietzscheano é quem mata Deus, e atribui ao homem o poder de deliberar e julgar. A inversão dos valores e a racionalidade extrema que coloca Deus em outro patamar, subvertendo a ideia de eternidade e propagando a ideia de futuro.

Nietzsche destaca essa inversão em sua obra *A Gaia Ciência* “Para onde Deus foi? - bradou - Vou lhes dizer! *Nós o matamos*, vós e eu! Nós todos, nós somos seus assassinos!”³. O ápice que define a precariedade dos valores morais ocorre com a “morte de Deus”, avigorando a facilidade de deterioração de tais valores, pois na modernidade o homem procura se desvincular da divindade, e ser guiado por seu *logos*. Sua baliza agora é seu conhecimento e intenção de progresso, fundamentando-se na absolutização da razão autônoma.

Dessa maneira, pode-se dizer que é com o aparecimento da filosofia na Grécia, com a incessante busca da verdade, do bem, do conhecimento de si mesmo, e, por conseguinte, do próprio eu, enraizado por Sócrates, que um tipo de homem ganha forma, o homem racional, característico da modernidade. Sendo esses fatores preponderantes, para a exaltação do sujeito, e sua subjetividade, pois a modernidade é delineada pelo sujeito pensante, e também agente, capaz de produzir e eleger, acreditando ser proveniente unicamente de si mesmo.

O pensamento como fonte central, foi engendrado como um atributo sem nenhuma interferência exterior, como proveniente inteiramente da interioridade do sujeito, na tentativa de uma identidade com o Ser. Esse posicionamento do sujeito é demarcado por uma gama de transformações ocorridas no ocidente a partir do século XVI, em que se deflagra um rompimento com o período medieval, e criam-se as raízes do período moderno.

A formação moderna é refletida por Nietzsche, através de uma contundente crítica a sua estrutura e ao próprio sujeito moderno, acerca disso expõe J. Peter

² MOSÉ, 2012, p.125.

³ NIETZSCHE, 2000, p. 133.

Burgess “A crítica da modernidade de Nietzsche é inseparável de sua crítica do sujeito moderno”⁴, ou seja, a crítica nietzscheana da modernidade é intrínseca a crítica empreendida ao sujeito proveniente desse campo moderno, que se consolida pela garantia de universalidade e autenticidade criadora do sujeito, porém, o sujeito na qualidade de sujeito racional, formado desde a investida socrática, cuja intenção na modernidade é a detenção do conhecimento e concomitantemente do progresso.

Observa-se desse modo, a incessante busca da verdade como reflexo da visão moderna de hierarquia do sujeito, ou seja, supervalorizando o homem e sua subjetividade, extinguindo o medo e exaltando o seu próprio poder.

Em consonância com a interpretação de Mosé (2012), ressalta-se que essa valorização da sistematicidade do sujeito, e do próprio ato de pensar ganhou destaque no século XVII, com o filósofo René Descartes, que inaugura uma nova forma de conceber o mundo. A filosofia é tratada de forma crítica, como discurso do sujeito que pensa, recomendando um direcionamento embasado na verdade, na certeza do conhecimento, através do sujeito. Procurando no decorrer das *Meditações* (2004), desvencilhar-se do conhecimento revelado, conforme se apresentava na Idade Média, e conhecer a verdade por meio do método cartesiano, ou seja, fundamentar-se incondicionalmente no sujeito que pensa, pois a verdade para ele, está intrinsecamente relacionada a comprovação da existência através do sujeito pensante.

Desse modo, conforme pondera Nietzsche, a competência de pensar do sujeito, isto é, o que o classifica como existente, nada mais é do que um atributo redundante, presumindo determinações metafísicas e dogmáticas, sem nenhum cunho histórico. Seria uma presunção atribuir ao homem demasiado pressuposto de verdade, como um modelo de subjetividade, que desqualifica o corpo e suas experiências.

Considerando que a questão do cogito cartesiano, pauta-se em certezas, e em princípios metafísicos, e que por sua vez, deprecia os fluxos, o movimento, e o próprio devir. Toma-se a crítica de Nietzsche aos pressupostos metafísicos, como

⁴ BURGESS, 2012, p. 705 [Tradução livre]. “Nietzsche’s critique of modernity is inseparable from his critique of the modern subject”.

base para delinear seu pensamento filosófico, o qual ressoa em sua apreciação acerca da modernidade, seus valores e seus costumes balizado pelos ideais ascéticos.

Nietzsche (1992) coloca sob suspeita o princípio metafísico, bem como a busca de uma significação para a constituição do pensar do sujeito. Ele subverte o significado atribuído ao sujeito enquanto possuidor ou mesmo fonte emanadora de verdade. Essa demarcação de uma filosofia que valoriza em demasia o sujeito atinge proporções grandiosas em Descartes, pois considera o homem, detentor de certezas, e capaz de promover métodos avaliativos, bem como critérios de verdade.

Segundo Nietzsche, o cartesianismo constituído por Descartes reforçou o otimismo teórico, afirmou o uso da razão como fundamentadora dos procedimentos metodológicos, e, por conseguinte, ressaltou também sua intenção moral, por meio de relações fixadas entre os homens, pautadas em juízo de valores.

Com isso, ao homem foi delegada a função de expressar aquilo que é proveniente do seu pensamento, da sua razão, suas manifestações ocorrem em decorrência da capacidade que este tem de criação de verdades, suas ações devem expressar as intervenções do próprio cogito.

Nietzsche ocupa-se justamente, de providenciar uma apreciação do panorama conceitual cartesiano, iniciando pela desconstrução de uma base metafísica, e continuando pela desqualificação do sujeito, que se dedica a desconsiderar sua relação com a natureza, com seus instintos, e, portanto, alude que sua fé cega na razão desvia sua experiência trágica, humana.

Essa postura crítica de Nietzsche, ou mesmo tentativa de emancipação do homem do idealismo, possibilita uma interpretação de seu pensamento a partir de uma acepção histórica, cuja proposta é não mais pensar como os primeiros filósofos, numa busca pela origem ou essência do homem, mas através de uma perspectiva genealógica. Não se pretende mais o alcance de um princípio de identidade, estabelecido por parâmetros metafísicos, em que o sujeito é consequência de um idealismo independente e incondicionado. Conforme podemos observar em *Humano Demasiado Humano*:

[...] Até aqui, a filosofia metafísica arranjou maneira de vencer esta dificuldade, na medida em que negava a formação de uma coisa a partir

da outra e aceitava para as coisas de mais elevada valia uma origem milagrosa, imediatamente resultante do cerne e essência da coisa em si⁵.

Nessa perspectiva, o viés filosófico da metafísica de artista exposto no primeiro livro, *O Nascimento da Tragédia*, se caracterizava por meio da crença na indissociabilidade da metafísica como forma de elevação da cultura, e pelo receio de direcionar grande expectativa em relação aos impulsos teóricos, e estes, por sua vez, prejudicarem a capacidade criadora da cultura. Conforme ilustrou em seu primeiro livro:

Agora, junto a esse conhecimento isolado ergue-se por certo, com excesso de honradez, se não de petulância, uma profunda representação ilusória, que veio ao mundo pela primeira vez na pessoa de Sócrates - aquela inabalável fé de que o pensar, pelo fio condutor da causalidade, atinge até os abismos mais profundos do ser e que o pensar está em condições, não só de conhecê-lo, mas inclusive de corrigi-lo. Essa sublime ilusão metafísica é aditada como instinto à ciência, e a conduz sempre de novo a seus limites, onde ela tem de transmutar-se em arte, que é o objetivo propriamente visado por esse mecanismo⁶.

Nietzsche coloca em evidência que as coisas não surgem como em um passe de mágica através do princípio de causalidade, ou como são geralmente explicadas, através da coisa em si, uma vez que o sujeito não pode ser tratado como algo fora, aparte de um dado percurso histórico, interrompido do acaso.

Nos escritos de *O Nascimento da Tragédia*, dentre outras coisas, dedica-se a um processo de reconfiguração da metafísica, desagregando a noção de sujeito de princípio gerador, já promovida por Sócrates através do seu otimismo teórico, e também, reiterada por Descartes através da teoria cartesiana, em que coloca o homem em um lugar central. Apresenta o sujeito de maneira otimista e positiva, tem-se o caráter subjetivo como reflexo do *logos*, ou seja, de acordo com o pensamento de Descartes a verdade e a certeza, encontram-se pautadas na essência do sujeito, corroborando para a consciência de si, esta enquanto critério determinante para a existência do próprio sujeito, autoridade pensante.

Reale (2004) argumenta que essa ideia do sujeito de Descartes reforça a hierarquia do sujeito, em que este não deve se subordinar a leis externas, utilizando

⁵ NIETZSCHE, 2005, p. 21.

⁶ NIETZSCHE, 1992, p.93.

como norteador somente os princípios que a razão determina, e para tanto, impetra o conceito de unidade concernente ao sujeito, a fim deste não expressar instabilidades, inverdades, ao contrário adquire uma função de buscar verdades, utilizando como principal instrumento a razão.

Por isso, Nietzsche nos desassossega ao assentar a vida, como passível de ser revista, examinada, reelaborada, criada através de uma nova ótica, de um novo fluxo, deixando para trás a solidificação impregnada pela razão. Fragmentando as ideias consolidadas no período iluminista, engendrando dúvidas relacionadas à ideia de verdade, assinalando-a como historicamente construída, seguindo no sentido oposto ao pensamento instaurado como certo no século XIX.

O homem moderno, aquele que toma identificação presencial no tipo escravo, como “se fosse ver e admitir o que hoje se quer admitir como tal, que a finalidade de toda cultura é domesticar a besta humana, para fazer dela um animal manso e civilizado, um animal doméstico”⁷. Sua figuração mostra um efetivo descompasso com a falta de refinamento, apresentando uma grosseira miopia formativa. Tudo isso não deixa de ser uma pragmática política da própria modernidade que com suas aspirações universalizantes, que tomam forma nas instituições democráticas, pontuam um efetivo nivelamento e igualitarização do humano, pois...

A curiosa limitação da evolução humana, o que há nela de hesitante, lento, por vezes retrógrado e tortuoso, baseia-se em que o instinto gregário da obediência é o que se transmite mais facilmente por hereditariedade, e isso a custa da arte de mandar⁸.

O instinto gregário revelador da limitação do humano, o transforma em um tipo homem manso e medíocre, que busca descansar nos “ombros” da moral escrava, como forma de limpar o seu próprio horror e aniquilamento, pois como diz Nietzsche “de que serve todo o livre-pensamento, toda modernidade, zombaria e volúvel flexibilidade, se em suas entranhas o indivíduo permanece cristão, católico e sacerdote”⁹. Dessa forma, o que parece ainda permanecer, em último

⁷ NIETZSCHE, 2009, p.46.

⁸ NIETZSCHE, 1992, p.100.

⁹ NIETZSCHE, 2009, p. 64.

fôlego, é a moral cristão, que passeia pelo centro do tipo homem esclarecido, o fruto do iluminismo moderno. Tal moral é essa que se...

[...] diz teimosa e implacavelmente “eu sou a própria moral, e não há moral fora de mim!” Tudo isso, com o auxílio de uma religião que se sujeitava aos mais sublimes desejos do animal de rebanho lisonjeando-os, chegou a ponto de encontrar, mesmo nas instituições políticas e sociais, uma expressão cada vez mais visível desta moral: o movimento *democrático* é o herdeiro do movimento cristão¹⁰.

Tal movimento democrático relaciona-se a mentalidade igualitária, que toma contornos efetivos na modernidade que se apresenta como o momento de crítica, de esclarecimento, para usar um termo adorniano (1985), advertindo que o pensamento universalizante é um pensamento de dominação, que mostra para si a possibilidade de forjar um indivíduo emancipado, pois deseja unir ciência, nobreza e religião, mas o que torna comum é um tipo ainda disforme. Naquilo que se mostra tão nobre, parece exalar um cheiro de mofo, velharia, de canalhice e algo menor. Há um cheiro de mesquinha e vaga de um espírito do rebaixamento, que “vagueia ao redor, sutil, curioso, entediado, espreitador – no fundo uma personalidade de mulher, com feminina avidez de vingança”¹¹.

Então, com toda sua suposta liberdade que parece oferecer os discursos de igualdade, de tolerância, de humanidade, de respeito, de amor ao próximo, tudo de grande e de poderoso, recolhe em si uma verdadeira manipulação que toma princípios fundamentais na reatividade. Assim, esses modernos que tentaram se livrar do Deus cristão, agora acreditam mais ainda que devam se apegar à moral cristã¹². É isso que parece sugerir a leitura de Nietzsche.

De acordo com Tongeren (2012), o homem moderno é caracterizado por Nietzsche do mesmo modo que um animal de rebanho, animal em conformidade com a idéia do homem ainda agir segundo a sua natureza e instintos, porém essa

¹⁰ NIETZSCHE, 1992, p.102.

¹¹ NIETZSCHE, 2009, p. 64.

¹² Entende-se de todo modo que a moral é fundamentada em princípios racionais, que toma forma desde o ideal platônico, concebendo que o conhecimento verdadeiro se dá, através das idéias, que são de caráter absoluto. Assim, o vetor do conhecimento *epistêmico*, é a razão, ratificando que a origem do conhecimento não está nos sentidos, e sim nas idéias. Com isso percebemos, que desde a concepção platônica de conhecimento, a racionalidade vem sendo enfatizada como a única possível de alcançar a verdade, baseando-se em princípios morais que ela mesma determina. De modo que a moral cristã serve para balizar a postura humana.

concerniria em apenas uma, das muitas possibilidades que o animal homem pode apresentar. Dessa maneira argumenta Tongeren, o homem não é um animal determinado, conforme destaca: “a definição de Nietzsche entre vê o que é próprio do homem – a *differentia specifica* que o distingue dos outros membros do *genus* da *animália*”¹³, quer dizer que o homem não tem um parâmetro específico a se espelhar, por isso mesmo é indeterminada e essa permite a propensão, a suscetibilidade a certos comportamentos próprios da vida moderna, como a degenerescência, pois sua mutabilidade ao mesmo tempo em que garante a possibilidade de criação, de inovação, também assegura a sua própria ruína, já que o qualifica enquanto ser fixo e engessado, facilmente confundido com um ser determinado, e não em desenvolvimento.

Tendo em vista que, essa forte moralidade incrustada em seu comportamento o torna invariável e perfeitamente adestrável, capturando suas possibilidades acaba por cultivar um animal de rebanho, ou seja, aquele que precisa sempre ser guiado, conduzido por um padrão comportamental coletivo, através da imitação da ação dos animais de rebanho.

Tongeren (2012) salienta ainda, que Nietzsche ao caracterizar o homem como animal de rebanho, esta falando de outra maneira naquilo que consiste as “idéias modernas”. O homem moderno tem suas ações refletidas no animal de rebanho, por este tomar como fundamento: princípios moralizantes, a fim de nortear a moral de rebanho. Reconhece-se então, a necessidade de uma regra geral, um modelo geral, que possa padronizar a conduta do homem moderno figurado pelo animal de rebanho.

Nietzsche realiza uma crítica ao homem do seu tempo, ao homem gregário, massificado, ao homem escravo e decadente. Compreendendo o processo de cultura como um mecanismo que domestica o homem, impele seus instintos, a fim de promover um homem prioritariamente racional, com isso, desmistifica a ideia de que a razão é a única capaz de propiciar ao homem o desenvolvimento de

¹³ TONGEREN, 2012, p.114.

tecnologias capazes de auxiliar na vida moderna e capitalista. Nesse âmbito, dialoga Araldi:

O autor de *Para além de bem e mal* trata da doença do homem oitocentista das “idéias modernas” (da igualdade, do progresso, da democracia) como sintoma do autodesprezo e autocompadecimento crescentes, sendo que nenhum disfarce (seja o disfarce de romântico ou clássico, de cristão ou florentino, de barroco ou nacional) consegue encobrir sua feiúra e sua decadência fisiológica¹⁴.

A crítica desse tipo, empreendida pelas idéias modernas é antes de tudo uma crítica moral e política, na medida em que a *moral escrava* é uma moral do controle, da compaixão, da resignação, que são efetivadas por um tipo de homem: o escravo. Os valores morais do escravo limitam uma linguagem, constituem uma conduta baixa e vulgar, conforme segue:

A sua alma é turva, o seu espírito procura os recantos e os mistérios e portas ocultas; todo o culto o encanta; aí acha o seu mundo, a sua segurança, o seu descanso; sabe guardar silêncio, não esquecer, esperar, fazer pequeno provisoriamente, humilhar-se¹⁵.

O que Nietzsche denunciava em seu tempo, parece tomar contornos efetivos na conduta civilizatória, em que a *moral do escravo*, retratada pela piedade e compaixão, é a envelhecida capacidade do fraco, a subserviência em oposição à coragem e a truculência dos fortes, faz-se pequeno para crescer, resiste, deformando valores criados pelo senhor, é resignado, já que é incapacitado de criar valores provenientes unicamente de si. E a moral judaico-cristã prega uma *moral de escravos*, em que o mundo e a vida são difamados e desvalorizados. Porém, Nietzsche em seus *Fragments póstumos (1885-1887)* acrescenta:

Toda moral, que de algum modo imperou, sempre foi o cultivo e a criação de um tipo determinado de homem, sob o pressuposto de que o que estava em questão era principalmente, sim, exclusivamente, esse tipo: em suma, sempre sob o pressuposto de que se poderia alterar (“melhorar”) muitas coisas no homem com *intenção* e coerção: - ela sempre considera a assimilação aos tipos normativos como “aprimoramento” (ela não tem nenhum outro conceito de “aprimoramento” -)¹⁶.

Nesse âmbito, qualquer que seja a moral é entendida como um reflexo dos processos racionais, enquanto forma de comedimento dos indivíduos, em que o

¹⁴ ARALDI, 2013, p. 40.

¹⁵ NIETZSCHE, 2009, p.43.

¹⁶ NIETZSCHE, 2013, p.50.

processo racional deflagrado pela moral, embute na consciência humana a ideia de que boas ações e prosperidade encontram-se totalmente interligadas. Com esta intrínseca relação entre moral e racionalidade, imbui-se no homem um comportamento a base da coerção, que desenvolve um homem “aprimorado” segundo as determinações e assimilações normativas.

Desse modo, em contrapartida a compreensão de sujeito descartiano, Nietzsche salienta que o sujeito não pode ser identificado como constância ou imutabilidade, e sim através de possibilidades, provenientes de rupturas, frestas, lutas e contrapontos, sendo por isso descentralizado. Encontrar-se-ia no plano da história, dos acontecimentos, resgatando-o do mundo fenomênico e metafísico, permitindo as relações de forças sempre se opondo, rompendo, criando. Torna-se força, potência para alterar e mudar o sentido.

Com isso, a ideia de autonomia do sujeito, centrada no posicionamento racional incorre, a partir da interpretação nietzscheana, em contradição, já que esse homem do presente confunde autonomia com adestramento, pois sua mentalidade gregária o impede de agir autonomamente, fomentado em tal medida um sujeito moralmente padronizado. Cujas, autonomia se restringe aquilo que é imposto pelo grupo a que pertence, não através de uma autonomia no sentido criador.

Destarte, essa investigação pretende indicar, que a questão do homem do presente, e a modelação do sujeito pode ser interpretada criticamente, a partir das relações de poder imbuídas na modernidade, caracterizada pela razão, e a autonomia que ela consegue estabelecer. Por isso, sugere-se um modo de filosofar nesse momento, que se apresenta por uma atitude, um gesto, uma ação, não uma ética como um sistema, uma teoria moral.

Referências:

ARALDI, C. L. **Nietzsche: do niilismo ao naturalismo moral**. Pelotas: NEPFil online, 2013 – (Série Dissertatio-Filosofia; 10) Disponível em: <<http://nepfil.ufpel.edu.br/dissertation/acervo-livro10.php>>. Acesso em: 08 de Jan. de 2014, 16:14.

BURGESS, J. P. **Value, security and temporality in Nietzsche's critique of modernity.** The Sociological Review, Vol. LX, p. 696-714, 2012.

DESCARTES, R. **Descartes – vida e obra. Os Pensadores.** São Paulo: Nova Cultural, 2004.

HORKHEIMER, Max. & ADORNO, Theodor W. **A Dialética do Esclarecimento.** Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

MOSÉ, V. **O homem que sabe: do homo sapiens à crise da razão.** 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

NIETZSCHE, F.W. **A Gaia Ciência.** 6. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

NIETZSCHE, F.W. **A Genealogia da Moral. Petrópolis.** Trad. Mario Ferreira dos Santos. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

NIETZSCHE, F.W. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro.** Trad. Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, F.W. **Fragments póstumos: 1885-1887.** Volume IV. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2013.

NIETZSCHE, F.W. **Humano, demasiado humano.** Trad. Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, F.W. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo.** Trad. J. Guinsburg, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

REALE, G.; Antiseri, D. **História da Filosofia: do humanismo a Descartes.** São Paulo: Paulus, 2004.

TONGEREN, P. V. **A moral da crítica de Nietzsche à moral: estudo sobre Para além do bem e mal.** Trad. Jorge Luis Viesenteiner. Curitiba: Champagnat, 2012.

Recebido em: 14/ 08/ 2014

Aceito em: 01/10/2014